

O Mestre que eu conheci

Cá fora, o guarda, parado, pernas abertas, posição de descanso, arma ao lado, mirava — tranquilamente — os carros a deslizar nas ruas frente a «São Bento». Nem dava por quem entrava naquele palácio. Em Portugal, o tempo era de paz. Mas, na Europa de Além-Pirineus, os homens matavam-se por interesses e ideais... A II Grande Guerra tardava em ter um fim.

Percorridos poucos metros do amplo átrio, à direita da entrada, sobre uma porta o letreiro «ARQUIVO NACIONAL DA TORRE DO TOMBO».

Alfredo Pimenta era o director do imenso depósito de manuscritos em que se narram as venturas e as desgraças dos Portugueses.

— Dá licença? — perguntávamos, cortezmente, ao empurrar a porta com suavidade.

O dr. Pimenta, no seu gabinete, sentado frente a uma grande secretária pejada de montes de papéis, capa espanhola negra pelos ombros que o ambiente de Novembro a Março era frio, luvas de pelica branca para se livrar do pó dos velhos pergaminhos, erguia rápido a cabeça, semicerrava um olho e mirando-nos com o outro onde luzia o vidro de um monóculo, sorria e convidava:

— Entre, entre, ainda bem que veio!

Éramos, nessa época, um moço de pouco mais de vinte anos. Um jovem que já «devorara» um sem número de livros políticos e apostava na Portugalidade, conceito amplo de uma filosofia que tendo por fundamento e exaltação dos valores tradicionais lusíadas visava o progresso e a justiça social... E Pimenta se não era pontífice de tal corrente de pensamento, posto que em diversos sentidos a desejavam ver concretizada seus seguidores, era — sem dúvida — um Mestre de portuguesismo com quem muito agradava conversar e aprender.

Aberto, irradiando simpatia, falava-nos disto e daquilo. Comentavam-se os últimos sucessos. E, invariavelmente, não se escusava de nos referir os assuntos das cartas que praticamente todos os

dias enviava ao Presidente do Conselho de Ministros cujo gabinete estava, ao tempo, no primeiro andar, ala sul, do mesmo gigantêsko edifício. Eles eram protestos, reclamações, inclusive advertências. Segundo o remetente, muitas vezes o Prof. Salazar não lhe respondia. Tal queria dizer — confienciava o Dr. Alfredo Pimenta — que havia ficado aborrecido. Porém a maior parte das vezes, num singelo bilhete de visita, agradecia-lhe a recomendação, o conselho, o alvitre. Admiração não significa sujeição. E Mestre Alfredo Pimenta, mais velho, por completo à margem de interesses materiais, sentia-se no dever de aconselhar o lider político e até de lhe censurar certas atitudes e declarações. Curiosamente, assistimos um dia à apressada redacção de uma carta para Oliveira Salazar em que o director da Torre do Tombo lhe dizia da grande falta de verba com que lutava e que nem tinha dinheiro para mandar comprar uma máquina de fotocopiar, aparelho este que começava a ser utilizado no país. E confessava-lhe a vergonha que tinha sentido quando uma investigadora sul-africana lhe pedira, nessa manhã, fotocópias de determinados documentos históricos. Não protestava Alfredo Pimenta por ter um miserável vencimento a nível de segundo oficial dos ministérios. Protestava por não ter dinheiro para bem situar a dignidade cultural do país frente a uma historiadora estrangeira...

Anti-burguesia em tudo aquilo que esta representa, acima de tudo, de interesses materiais, de pragmatismo, de imediata traição aos mais altos ideais desde que a sua riqueza esteja em risco, Alfredo Pimenta representava bem o tipo de antigo fidalgo português que tudo era capaz de sacrificar pela pátria e pela sua honra pessoal.

Perfeito concededor do processo histórico português até ao mais mínimo pormenor — (não se afirmara ele como o maior historiador da sua época) — defendia Mestre Alfredo Pimenta para o país a restauração de um Poder Real forte, responsável, como cúmulo de uma monarquia moderna bem alicerçada na harmonia dos antagónicos interesses profissionais. Consequentemente era adversário a tudo aquilo que a Revolução Francesa impôs à Europa a partir de 1789...

De notórios traços físicos suevo-góticos (ou não fora ele minhoto) certamente que o espectáculo racial português não lhe passava despercebido. Talvez por isso mesmo o radicalismo de Alfredo Pimenta quanto à unidade política em torno de um príncipe, de um rei, de uma alta figura responsável e bem representativa de toda uma sociedade em processo de miscegenação racial. Simplesmente jamais lhe ouvimos comentar o caracter heterogéneo da gente por-

tuguesa, produto da mestiçagem das mais diversas etnias entroncadas na que deu origem ao actual Estado Português: a suevo-gótica inicialmente acantonada no N.W. peninsular. Como é sabido, os suevos, vindos da Floresta Negra (Germânia) organizaram-se em monarquia, capital Braga, nas terras da Galiza e de Entre-Douro-e-Minho... Tal Estado perdurou de 411 a 585, acabando anexado pelo Império Gótico, capital Toledo, ao tempo de Leovigildo.

A diversidade étnica conduz, inexoravelmente, à divisão, ao antagonismo entre os homens em resultado da pluralidade de temperamentos. E se há no país, qualquer que ele seja, muito sol e muito vinho, os períodos de violência acumulam-se, gerando-se a anarquia a que imediatamente ditaduras militares põem cobro... De aí a dificuldade de tranquila governação de uma qualquer sociedade humana heterogénea e em processo de fusão racial. Jamais ouvimos comentário algum de Alfredo Pimenta acerca disso. Também não cremos que tal haja abordado nos milhares de páginas que escreveu. Mas é de crer que a sua tenaz luta por um Poder forte tivesse nisso sua razão de ser. Tal sentido de filosofia política designava-se de Nacionalismo, não obstante a falsidade do termo, posto que Nação provém do verbo *nascer*... Não pode, portanto, haver Nacionalismo sem a autêntica realidade *nação*: conjunto de famílias de igual origem racial. Talvez por isso mesmo, Mestre Alfredo Pimenta mais falasse em Portugalidade que em Nacionalismo.

Luís de Quadros